

# Procedimentos éticos e metodológicos para a Análise de Discursos nos estudos de João Bôsko Cabral dos Santos

Thyago Madeira França (UEG – Câmpus Sul)\*

<https://orcid.org/0000-0002-7690-9611>

## Resumo:

De modo a estabelecer um retorno a questionamentos tomados como elementares no âmbito da Análise do Discurso (AD) no Brasil, por exemplo, acerca de procedimentos de identificação, organização e análise do *corpus*, bem como de aspectos de uma conduta ética por parte do analista do discurso, propomos um diálogo com Santos (2004), em especial a partir de seu texto *Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos*, por entendermos que o autor empreende um importante escrutínio do funcionamento discursivo e de caminhos metodológicos funcionais, a partir da proposição que podem auxiliar pesquisadores no desenvolvimento de análises discursivas. O retorno ao debate sobre procedimentos metodológicos se dá por acreditamos que os estudos em AD carecem de discussões didáticas que reforcem a necessidade de análises que se afastem do impressionismo e sejam consubstanciadas pela materialidade e pelos indícios do/no *corpus*, bem como que sejam atravessadas por uma conduta ética frente aos processos de enunciação e seus atravessamentos ideológicos. Para pôr em funcionamento esse olhar metodológico, recorreremos aos estudos desenvolvidos em França (2017; 2009), nos quais instauramos uma relação teórico-metodológica com os procedimentos e ferramentas propostos por Santos.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Metodologia. Ferramenta de análise. Discurso.

## Abstract:

### **Ethical and methodological procedures for Discourse Analysis in the studies of João Bôsko Cabral dos Santos**

In a way of establishing a return to elementary issues under the Discourse Analysis (DA) field in Brazil concerning the identification, organization and *corpus* analysis, as well as aspects of an ethical posture by the discourse analyst, we propose a dialogue with Santos (2004), especially with his text “A

---

\* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia e docente da Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6270104454918993>. E-mail: [thyago.franca@ueg.br](mailto:thyago.franca@ueg.br)

methodological reflection about discourse analysis” (original in Brazilian Portuguese: *Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos*), once we comprehend that the author provides an important detailed view of the discursive functioning, and of methodological functional ways from the proposition of tools that can assist new researchers in the development of discursive analysis. The return on the debate on methodological procedures is performed once we believe that the studies in DA need didactic discussions that reinforce the need of analysis that are not impressionist but embodied by materiality and evidence of/in *corpus*, as well as an ethical posture in the enunciation processes and their ideological crossings. It draws on França (2017; 2009), in which was possible to notice a theoretical and methodological relationship with the procedures and tools developed by Santos.

**Keywords:** Discourse Analysis. Methodology. Analysis tool. Discourse.

## Introdução

O trabalho de Santos compartilha, como o meu e de tantos outros com quem convive, dessa perspectiva de co-construção, de inevitável oportunidade, como um acontecimento que só pode ser pensado, acadêmica e existencialmente, enquanto essa interrelação que nos liga e nos responsabiliza mutuamente e, ainda mais, nos responsabiliza perante outros [...] Na trajetória de Santos, isso sempre implicou um compromisso com a formação de professores, com a concepção de sujeitos-estudantes, numa convivência respeitosa e construtiva, na sala de aula. Enfim, com um compromisso inegociável para com a educação, especialmente a pública (VILLARTA-NEDER, 2019, p. 37)

A Análise do Discurso de linha francesa tem sua origem em meados da década de 1960 com os estudos de Michel Pêcheux (1938-1983) e dialoga, de forma constitutiva e em sua origem, com a conjuntura sócio-histórica da França de 1968, no que tange ao contexto político de efervescência, bem como ao momento acadêmico e científico de questionamento à ciência positivista e estruturalista vigente na época. Nessa seara, a área de estudos proposta por Pêcheux (2011) estabelece uma espécie de releitura do mundo, das pessoas e das coisas, a partir

da noção de discurso tomado como efeito de linguagem, constituído por uma materialidade linguística e histórica, bem como permeado pelo inconsciente.

Ao contrário dos estudos que negavam o extralinguístico, a Análise do Discurso (doravante AD) de Pêcheux toma a linguagem para além de um sistema de regras formais, atribuindo-lhe valor simbólico e tomando o sentido como instável e movente. Trata-se, como o próprio autor reforça, de uma teoria que define as condições para uma “análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as *práticas linguísticas* inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada” (PÊCHEUX, 1997, p. 24 - grifo do autor).

O presente texto parte desse lugar teórico, mas sem remontar as origens do pensamento pecheutiano ou estabelecer um olhar contrastivo para as conhecidas três fases do pensamento do autor. Partimos dos princípios que constituem a área de estudos e nos permitem entendermos discurso enquanto “linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [...] [que torna] possível tanto a permanência e

a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2013, p.15). Nesse sentido, os estudos do discurso representam uma “forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise” (PÊCHEUX, 2006, p. 8). É necessário, nesse sentido, dialogar sobre a natureza dessa contradição entre a constituição do dito e as formas de apreender analiticamente os efeitos de sentidos que emergem de uma discursividade instaurada.

Para além das reflexões tradicionais sobre o discurso político que incitaram os primeiros trabalhos de Pêcheux, a AD no Brasil tem se mostrado terreno fértil para a interpretação de manifestações discursivas de diversas naturezas, como análises do discurso acadêmico, didático-pedagógico, midiático, literário, cinematográfico, publicitário, entre outros. Essa diversidade de objetos de análise que coincide com a pluralidade de textos do nosso cotidiano, bem como a variedade de filiações teóricas que identificamos entre os analistas do discurso no Brasil (Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau, por exemplo), permitem que reflexões procedimentais sobre os modos de se analisar os discursos sejam justificáveis e relevantes, principalmente no âmbito da formação de novos analistas e pesquisadores em seus primeiros gestos de interpretação do funcionamento discursivo.

Face a essa questão, consideramos relevante o retorno a reflexões sobre os modos de identificar, organizar e analisar os discursos, bem como sobre caminhos para que o analista do discurso seja capaz de estabelecer um distanciamento responsivo e ético de seu objeto de pesquisa. Dessas inquietações, retomamos os estudos de Santos (2004),

por entendermos que o autor avança no delineamento de caminhos metodológicos e na proposição de ferramentas que possam auxiliar novos pesquisadores em suas análises discursivas. Por conta desses pontos de tensão, propomos um diálogo com as propostas de Santos, em especial no texto *Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos* de Santos (2004)<sup>1</sup>, como forma de movimentar o debate sobre as bases metodológicas para uma análise discursiva proposta pelo autor, bem como de questionar pensamentos cristalizados e hegemônicos sobre os estudos do discurso que insinuam não haver mais a necessidade de se discutir bases metodológicas para uma análise discursiva.

No texto de 2004, Santos costura reflexões didáticas sobre os procedimentos basilares a serem adotados pelo sujeito-analista em relação ao funcionamento discursivo e a procedimentos essenciais para organização do *corpus* e desenvolvimento de uma análise discursiva. De modo a exemplificar as trajetórias de análise e as ferramentas sugeridas por Santos (2004), recorreremos aos estudos desenvolvidos em França (2017; 2009), nos quais mobilizamos a percepção metodológica e as tomadas de posição enquanto analista sugeridas pelo autor.

Nesse sentido, mais do que uma revisão de literatura, o presente texto também busca enaltecer a relevância dos estudos desenvolvidos pelo professor João Bôsco Cabral dos Santos, o qual influenciou a trajetória analítico-metodológica de vários pesquisadores no âmbito do Laboratório de Estudos Polifônicos da Universidade Federal de

1 Artigo publicado no livro *Análise do Discurso – unidade e dispersão*, organizado pelo próprio João Bôsco Cabral dos Santos e também pelo pesquisador Cleudemar Alves Fernandes. O livro possui somente uma edição e foi publicado pela extinta Editora EntreMeios, o que também justifica sua retomada aqui em nosso estudo.

Uberlândia (LEP/UFU), espaço de pesquisa concebido para experimentação de ferramentas discursivas que engendrem propostas metodológicas para análises que se situem no entremeio entre a AD e a Linguística Aplicada. Iniciemos a compreensão da proposta de Santos (2004) a partir de sua compreensão sobre o lugar discursivo que deve ser ocupado pelo analista do discurso.

## O lugar discursivo do analista

Santos (2004) inicia suas reflexões reforçando que é no batimento entre sujeitos e sentidos que emergem as manifestações discursivas e suas diversas inscrições sócio-histórico-ideológicas. O autor, então, nos questiona sobre qual seria o papel do analista do discurso ao se debruçar sobre um *corpus* e, em seguida, atesta que analisar “os efeitos de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2013, p. 21) é uma tarefa que tem suas complexidades e que nem sempre são enfrentadas com clareza por aqueles que se propõem a empreendê-la.

Dessa questão inicial e do conflito tenso entre se partir *do linguístico para se chegar ao discursivo ou o histórico e o ideológico é que determinam o discursivo*, Santos (2004, p. 109) discute “possibilidades de examinarmos os funcionamentos discursivos, elegendo como módulos nucleares dessa abordagem as alteridades (sujeitos/sentidos) → discursos”. Para ele, a alteridade *sujeito-sentido* é inquestionável por não ser possível conceber uma escansão dos sujeitos se não pelo crivo dos sentidos, da mesma forma que não se pode pensar um olhar para os sentidos sem se considerar o atravessamento dos sujeitos, que os produzem e os interpretam. O autor reforça que essas duas posições (tratamento *sujeitural* ou *sentidural*) regulam os funcionamentos discursivos nos processos enunciativos e que,

por conta disso, o sujeito-analista deve se instalar em um desses lugares discursivos de investigação e, a partir dele, “lançar seu olhar sobre os discursos e seu funcionamento” (SANTOS, 2004, p. 110).

O lugar discursivo representa a perspectiva enunciativa em que se localiza o analista para lançar um olhar para os sentidos de uma discursividade instaurada. Assim, esse lugar ocupado pelo analista deve ser reconhecido como sempre-atravesado por uma representação de mundo, ou seja, por um conjunto de memórias e de já-ditos interpelam e constituem a referencialidade polifônica do sujeito analista, definida pelo autor como a heterogeneidade subjacente às bases discursivas do imaginário socio-discursivo de um sujeito, transpassada por discursos distintos e constituída por vozes entrecortadas por várias outras vozes e discursos (SANTOS, 2000).

Dito isso, Santos (2004) propõe que o analista faça o exercício ético de se reconhecer a partir de um lugar discursivo específico. E esse ato responsivo de autorreconhecimento deve emergir da compreensão de que o sujeito se constitui em uma singularidade paradoxal de sentidos, o que implica compreender que os efeitos de sentido refletem significações sincrônicas (historicamente marcadas) em acontecimentos singulares, sempre no batimento entre o simbólico e o real. Essa compreensão visa afastar o analista de uma ilusão de completude acerca dos resultados de suas análises.

Ainda sobre essa questão, Figueira (2009, p. 65-66 – grifos do autor) também reforça que o analista produz seu gesto de leitura sobre os textos teóricos da AD e, partir deles, promove uma “*desestruturação-reestruturação* dos sentidos convencionais com que são interpretados e compreendidos habitualmente os conceitos da teoria”. Dessa

forma, é dever ético do analista se reconhecer como agente de linguagem que, de forma política, incide seus gestos de interpretação e suas tomadas de posição tanto em suas escolhas teóricas, quanto no processo de análise e desestruturação-reestruturação dos sentidos.

Logo, é indispensável que o analista se reconheça como um sujeito do discurso, atravessado e interpelado por formações ideológicas que compõem a sua referencialidade polifônica, para que possa empreender, de forma responsável, uma leitura que reconheça que os sentidos são movediços, deslizantes, “uma leitura sem filtro, uma leitura que coloque em prática o questionamento dos sentidos evidentes” (FIGUEIRA, 2009, p. 66), para além de seus interesses pessoais ou modismos teóricos muito comuns no interior da AD.

## **A ideia de ordem: subjetudinal x sentidural**

Na segunda parte do texto em foco, intitulada *A ordem como unidade de abordagem aos discursos*, Santos (p. 111 - grifos do autor) toma por ordem uma espécie de “operação hermenêutica que possibilita ao analista se colocar na posição de *sujeito desejante* para instituir formas e disposições na busca pelos efeitos de sentido em conjunturas enunciativas”. Dessa forma, constituir uma ordem representa organizar a materialidade linguística do discurso em análise, a partir da natureza de disposição dos seus elementos e dos objetivos da pesquisa analítica. Assim, ao estabelecer uma organização dessa materialidade, o analista esboça uma regulação do funcionamento discursivo instaurado, já revelando primeiras distinções entre os processos de construção e produção de sentidos no interior da enunciação em análise.

Em termos didáticos, essa organização funciona por meio do estabelecimento de categorias interrelacionadas que emergem de “evidências significativas, observadas no cenário de pesquisa” (SANTOS, 2000, p. 231). Isso representa a possibilidade de se organizar/estabilizar as condições de produção de um discurso, levando-se em consideração seu contexto sócio-histórico-ideológico, ao se configurar sua disposição no crivo dos sentidos produzidos, sempre em consonância com os objetivos, a hipótese e/ou as questões de pesquisa mobilizados pelo analista.

Santos reforça que essas condições de produção, fundadas em um contexto dado, são portadoras do que Foucault (1996, p. 59) chamou de casualidade:

se é verdade que essas séries discursivas e descontínuas têm, cada uma, entre certos limites, sua regularidade, sem dúvida não é menos possível estabelecer entre os elementos que as constituem nexos de causalidade mecânica ou de necessidade ideal. É preciso aceitar introduzir a casualidade como categoria na produção dos acontecimentos.

O pensamento foucaultiano permite afirmarmos que também o acaso significa e é determinante para a instauração de um acontecimento discursivo, ou seja, é possível reconhecer regularidades enunciativas no interior de uma casualidade. Portanto, será papel do analista lançar um olhar ordenado à imprevisibilidade (descontínua) dos processos enunciativos, por meio da investigação das possibilidades de significação do discurso e do percurso de “construção/atribuição/deslocamento dos sentidos” (SANTOS, 2004, p. 112).

Ao estabelecer que o analista deverá se instalar em uma das instâncias do seu lugar discursivo de investigação, ou seja, sujeito-sentido, Santos propõe a possibilidade de dois caminhos de análise: uma ordem su-

jeitudinal e uma ordem sentidural, tomadas como duas possibilidades de lugares discursivos para se abordar e analisar um objeto. No âmbito da ordem sujeitudinal, o analista se inscreve em um lugar discursivo de investigação da perspectiva das relações entre os sujeitos e os discursos, considerando os processos de identificação e inscrição daqueles na manifestação discursiva em análise.

Santos (2004, p. 112) reforça que a ordem sujeitudinal tomará por referência variáveis que “interpretem a inserção dos sujeitos nos discursos, evidenciando suas ‘práticas identitárias’, seus comportamentos específicos na (des) continuidade dos processos interativos e suas idiossincrasias sócio-histórico-ideológicas”. Assim, a presente ordem lança um olhar analítico para o sujeito em diálogo, atravessado e constituído por um dado processo enunciativo que incide em sua subjetividade e em seus processos identitários.

Podemos exemplificar a trajetória via ordem sujeitudinal por meio das análises que desenvolvemos em França (2009), em que as práticas identitárias e inscrições ideológicas de sujeitos-fielis da Igreja Universal do Reino de Deus foram analisadas e tomadas enquanto um acontecimento. A partir de depoimentos publicados na Folha Universal, analisamos as formas de dizer dos sujeitos-fielis sobre o dízimo e reconhecemos diversas regularidades enunciativas que colocaram em batimento um atravessamento do discurso econômico-capitalista no discurso neopentecostal.

Já a ordem sentidural representa o lugar discursivo em que o analista lança seu olhar para a construção/atribuição/deslocamento de sentidos nos discursos pelos sujeitos, ou seja, o foco analítico passa a ser a leitura discursiva dos sentidos, de modo a reconhecer “o comportamento das significações e os

processos de transformação ocorridos nos sentidos a partir de sua inserção nos discursos e de seu funcionamento nos processos enunciativos” (SANTOS, 2004, p. 112-113). No âmbito da ordem sentidural de análise discursiva, é possível esboçar trajetórias metodológicas de natureza sequencial ou conceitual, sendo que o primeiro privilegia uma análise dos acontecimentos em suas etapas de constituição, por meio de uma distinção sincrônica, e, no segundo, evidenciam-se “processos de nomeação, designação e denominação no tratamento sentidural de conceitos no interior de um determinado discurso” (SANTOS, 2004, p. 113).

Após a descrição dessas possibilidades de lugares discursivos de inscrição para o analista, Santos engendra uma proposta metodológica para se analisar os discursos, deixando claro que não se trata de uma perspectiva modelar capaz de emoldurar os efeitos de sentido de todo discurso. Sua proposta é apresentada como uma possibilidade de se examinar os funcionamentos de uma manifestação discursiva, a partir de uma macro e de uma micro-instância de análise, as quais serão descritas a seguir.

## **A macro-instância de análise discursiva**

A primeira instância sugerida pelo autor para se analisar uma discursividade é a macro-instância, em que o analista vai ser capaz de explicitar as condições de produção da manifestação discursiva. Essa esfera de análise macro, segundo Santos (2004, p. 113), pode/deve envolver:

- i) uma descrição das características históricas;
- ii) uma percepção do cenário social;
- iii) uma interpretação do lugar dos sujeitos nesse cenário;
- iv) um esboço da situação enunciativa instaurada e
- v) uma projeção de sentidos produzidos nessa conjuntura interativa.

Aqui o analista desenvolve os seus primeiros gestos de interpretação contextual, em que ele deve lançar um olhar descritivo para as condições sócio-histórico-ideológicas que instauram sujeitos, dizeres e tomadas de posição de uma forma e não de outra. Como Pêcheux (2006, p. 50) reforça, a primeira exigência ao seu projeto de análise discursiva “consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas”. Assim, além de revelar as potencialidades inerentes à leitura dos sentidos que gravitam em torno das condições de produção, o exercício de macro-análise é responsável por contribuir para o delineamento das fronteiras discursivas do processo discursivo em foco.

No âmbito da macro-análise, o analista passa a observar e organizar as regularidades enunciativas em seu objeto de pesquisa, tomadas como indícios significativos, “elementos de recorrência, de idiossincrasia enunciativa, ou ainda, de efeito provocado pela natureza de organização dos sentidos na enunciação” (SANTOS, 2004, p. 114). Como forma de exemplificar o levantamento de aspectos da macro-análise, remontamos nossos estudos em França (2017), em que propomos a configuração de uma episteme para o ensino de literatura, por meio de uma análise discursiva dos contos de João Anzanello Carrascoza, autor contemporâneo brasileiro. Empreendemos uma macro-análise por meio do levantamento de aspectos - sociais, históricas, ideológicos, estéticas, políticas, culturais, entre outros - que se configuraram como regularidades enunciativas relacionadas aos diversos episódios de morte nos contos, os quais fizeram emergir processos de memória discursiva (PÊCHEUX, 2010). Assim, foi no âmbito da macro-análise que identificamos as regularidades enunciativas sobre a morte, a partir

da identificação de redes de memórias que atravessaram todos os contos da antologia *Espinhos e alfinetes* (2010).

Vale reforçar que o levantamento das regularidades promove o refinamento da proposta de pesquisa por parte do analista, uma vez que intensifica sua imersão nos aspectos constitutivos da discursividade instaurada a partir do objeto em análise. Discursividade também é definida por Santos (2007, p. 188) como uma “conjuntura histórico-sócio-ideológica, provocadora de deslocamentos pela ação de sentidos em uma dada esfera enunciativa [revelando] ações de sujeitos na potencialização de significações no interior de uma rede conceitual”. Sendo assim, ao estabelecer uma discursividade para análise, é natural que as regularidades que emergirem nos primeiros gestos de interpretação dialoguem com o recorte de pesquisa estabelecido. Assim, reforçamos que o exercício procedimental de identificação, distinção e organização das regularidades não somente refina a percepção do analista acerca do seu objeto, mas também estabelece uma maior sintonia com suas projeções de análise previamente instauradas.

Após estabelecer aspectos relacionados às regularidades no interior de uma discursividade, Santos propõe que sejam constituídas matrizes de análise que sintetizem a esfera da macro-instância. Para o autor, uma matriz representa “um mapeamento de ocorrências das regularidades no todo do *corpus*, com vistas a uma organização distintiva da conjuntura discursiva da enunciação em análise” (SANTOS, 2004, p. 114), de modo que se comportam como uma organização das sequências discursivas (os recortes da materialidade) que representam as ocorrências das regularidades identificadas e organizadas no batimento entre uma conjuntura discursiva e uma proposta de pesquisa.

Tomadas como um conjunto de enunciados “que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou efeito” (SANTOS, 2004, p. 114), a sequência discursiva é a unidade de recorte relacionada à matriz e deve funcionar como “unidades-base de análise” dos comportamentos de sujeitos ou conjunturas singulares de sentidos. Em França (2017), mobilizamos a ferramenta do dispositivo matricial e construímos dezoito matrizes de análise discursiva, por meio do levantamento de sequências discursivas singulares de cada uma das onze narrativas analisadas. Também configuramos sete outras matrizes, as quais chamamos de matrizes-síntese, responsáveis por mapear recorrências discursivas convergentes que permitiram a instauração de enunciados operadores (axiomas discursivos).

Na citada pesquisa, as matrizes dos contos permitiram o recenseamento de recorrências e de particularidades enunciativas, no que tange ao olhar lançado para o comportamento sujeitodal e para determinadas conjunturas sentidurais relacionadas às memórias e aos episódios de morte. Esse mapeamento matricial de regularidades e de dispersões foi organizado não somente com sequências discursivas recortadas dos contos, “mas também por reflexões, inferências, questionamentos e, acima de tudo, ges-

tos de interpretação que configuram o olhar discursivo da instância-sujeito pesquisador para as narrativas” (FRANÇA, 2017, p. 110).

O mapeamento instaurado pelas matrizes se organizou em seis regularidades sobre a conjuntura discursiva dos contos, sendo elas: I – Instância-sujeito discursiva; II – Acontecimento causativo; III – A natureza em diálogo; IV – Morte alegórica da infância; V – Memória; VI – Potencialidades sentidurais. De forma a demonstrar o funcionamento da ferramenta matricial, apresentamos, após a descrição de cada regularidade instaurada, um recorte das particularidades identificadas a partir das condições de produção e de uma análise descritiva da materialidade linguística do conto *Espinho*, de João Carrascoza, de modo a exemplificar a potencialidade analítica desse mapeamento.

O agrupamento *Instância-sujeito discursiva* foi constituído por sequências discursivas e elementos descritivos da instância-sujeito que delinearam singularidades dos dizeres de cada personagem-protagonista e/ou narrador. Com esse mapeamento também instauramos conjecturas analíticas sobre a anterioridade discursiva da instância-sujeito, ou seja, possíveis antecedentes enunciativos que inscrevem o sujeito no acontecimento:

**Quadro 1:** Matriz de análise do conto *Espinho*

INSTÂNCIA-SUJEITO DISCURSIVA
<p>A Instância-sujeito discursiva que narra recorre a passagens de sua infância, quando vivera com o seu irmão André, seu herói e referência de vida. É possível supor um narrador adulto que rememora a convivência que antecederia a morte do irmão, como uma espécie de um balanço do tempo vivido:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estar com André era poder olhar o mundo com os olhos de sabedoria do irmão: “me ensinando a colher – a inesperada alegria” (CARRASCOZA, 2010, p. 9).</li> <li>• André era o desencadeador de significações outras, era ele que permitia que os sentidos (não óbvios) fossem degustados pela IES: “Com André o mundo se mostrava em novidades, o mundo acordava, e os dias, qualquer um e todos, eram dias de lembrar o que os olhos esqueciam no costume de ver demais...” (CARRASCOZA, 2010, p. 10).</li> </ul>

**Fonte:** Adaptado de França (2017)

Em seguida, a regularidade de análise *Acontecimento causativo* foi composta por sequências discursivas que retratavam os instantes de uma epifania literária instaurada pela revelação da morte (física ou alegórica) nos contos. Identificamos que esses momentos tendem a instaurar uma posterioridade

histórica, por meio de deslocamentos, movências ou transformações na pretensa linearidade discursiva do conto. Foi esse mapeamento que nos permitiu reconhecer que o acontecimento de morte desencadeia efeitos de sentido outros e processos de regulação e/ou desestabilização da memória discursiva:

**Quadro 2:** Matriz de análise do conto *Espinho*

ACONTECIMENTO CAUSATIVO
<p>O acontecimento causativo que instaura a morte enquanto ruptura da ordem discursiva é antecedido por situações que antecipam a perda e o luto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A morte por afogamento de Zico;</li> <li>• A tempestade e a enchente que ela causa;</li> <li>• A morte dos dois bezerros mortos pelo raio;</li> <li>• O roubo na casa da Tia Tereza.</li> </ul> <p>Acontecimento: André acorda com febre, é levado para ser tratado na cidade, mas, por circunstâncias misteriosas, morre.</p> <p>A morte de André inicia um novo ciclo de vida para seu irmão: “Era o começo da saudade. Saí pelo fundo da casa, a verdade vindo, devagar, num voo manso. Olhei os morros de pedra lá longe, o capim nas encostas, as montanhas azuladas. Sem o André quem iria me ajudar a ver aquela imensidão?” (CARRASCOZA, 2010, p. 16).</p>

**Fonte:** Adaptado de França (2017)

Posteriormente, fizemos o tratamento de dados da regularidade *A natureza em diálogo*, sobre a qual agrupamos sequências discursivas e reflexões interpretativas que associam a conjuntura discursiva em análise

com elementos exteriores de uma memória sobre a natureza, os quais, por vezes, dialogam com as instâncias-sujeito e, por isso, instauram deslocamentos e efeitos de sentido:

**Quadro 3:** Matriz de análise do conto *Espinho*

A NATUREZA EM DIÁLOGO
<p>Há enunciados da narrativa que demonstram a consonância discursiva entre a natureza e as instâncias-sujeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Até o Deco e o Lilau estavam em hora estranha, eles também sabiam das coisas.” (CARRASCOZA, 2010, p. 13).</li> <li>• “Veio o temporal, desses que se formam, maneiros entre as nuvens, e quando se vê, sendo ainda dia, já o horizonte escureceu, e tudo, com sua água e ventania, ele desordenou nosso olhar – as telhas do estábulo, o poste de luz tombado, o lameiro à porta de casa e o triste maior: um raio matara dois bezerros que o Pai ia vender no Natal. Quando a chuva sumiu, tão rápida como viera, fomos ver mais de perto o seu recado” (CARRASCOZA, 2010, p. 13).</li> <li>• “Também o sítio do Pai, de repente, começou a amanhecer na maior satisfação, tinha uma diferença nas coisas que eu não sabia explicar, mas ela estava lá, tudo sendo o que era de um jeito mais forte, a Mãe cantarolava, e, então, o André parou perto de um canteiro, <i>Olha, veja!</i> E eu vi o que não via, apesar de tão aberto para mim: as roseiras em flor, os lírios, as margaridas. Entendi: era a primavera.” (CARRASCOZA, 2010, p. 14).</li> <li>• “André tentou se erguer, não conseguiu, então falou, Me ajuda, abre mais a janela, e eu abri, e vimos – as montanhas azuladas no aperto daquele espaço, com fome de se abrir, para o seu tamanho certo, de amplitude.” (CARRASCOZA, 2010, p. 15).</li> </ul>

**Fonte:** Adaptado de França (2017)

O quarto agrupamento *Morte alegórica da infância* organizou sequências discursivas e reflexões sobre os efeitos de sentido relacionados aos processos (traumáticos ou não) de cisão entre a inocência maternal da

primeira infância e um posterior amadurecimento emocional. Com esse mapeamento, foi possível identificar traços discursivos de luto nesses ritos de passagem semelhantes a uma morte alegórica:

#### Quadro 4: Matriz de análise do conto *Espinho*

<b>MORTE ALEGÓRICA DA INFÂNCIA</b>	<p>Há enunciados do conto que denotam sentidos sobre a morte alegórica da infância como um rito de passagem. Identificamos essa questão em:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “O tempo passava doendo. Ainda mais quando o dia começava e eu abria a janela para a paisagem e lembrava de suas palavras: <i>Primeiro você tem de ver tudo de uma vez. Depois, depois vai vendo de pouquinho...</i>” (CARRASCOZA, 2010, p. 16).</li> <li>• “Era o começo da saudade. Saí pelo fundo da casa, a verdade vindo, devagar, num voo manso. Olhei os morros de pedra lá longe, o capim nas encostas, as montanhas azuladas. Sem o André, quem iria me ajudar a ver aquela imensidão?” (CARRASCOZA, 2010, p. 16).</li> </ul>
--	---

Fonte: Adaptado de França (2017)

No agrupamento *Memória*, mapeamos sequências discursivas relacionadas aos processos de memória individual (lembranças) e discursiva, instaurados pelo aconte-

cimento de morte. Essas memórias emergiram de uma configuração recorrente e revelaram o funcionamento discursivo dos contos:

#### Quadro 5: Matriz de análise do conto *Espinho*

<b>MEMÓRIA</b>	<p>As redes de memória discursiva que remontam já-ditos sobre a morte são ativadas pelas passagens do conto que representam as reminiscências do irmão narrador sobre sua infância com André, como em:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Mas, como se soubesse de mim mais do que eu, André estava ali, para me ajudar” (CARRASCOZA, 2010, p. 9).</li> <li>• “Tudo eu entendia menor, e ele me ajudava a aumentar” (CARRASCOZA, 2010, p. 11).</li> <li>• A vida era mais suave com André: “E ríamos, ríamos, a vida deslizando...” (CARRASCOZA, 2010, p. 11).</li> <li>• “O anjo da guarda, que eu via ao fechar os olhos, tinha o rosto dele” (CARRASCOZA, 2010, p. 12).</li> </ul>
----------------	--

Fonte: Adaptado de França (2017)

Por último, em *Potencialidades sentidurais*, foram elencados questionamentos e interpelações, que instauraram, posterior-

mente, análises discursivas sobre o acontecimento da obra de Carrascoza como um todo:

**Quadro 6:** Matriz de análise do conto *Espinho*

<p><b>POTENCIALIDADES SENTIDURAIS</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais elementos discursivos do conto são atravessados pela morte física ou alegórica?</li> <li>• Como a enunciação simbólica dos elementos da natureza dialoga com as sensações e os sentimentos enunciados pelos sujeitos do/no conto?</li> <li>• Qual a relação entre o acontecimento causativo e as lembranças desencadeadas no conto?</li> <li>• Há um efeito de sentido de contradição a partir das mortes instauradas? O que nasce dessas situações de perda?</li> <li>• Como o título do conto dialoga com os elementos que compõem o acontecimento da narrativa?</li> </ul>
---	--

**Fonte:** Adaptado de França (2017)

Ao empreendermos tal mapeamento para cada conto analisado, as matrizes representaram um importante recenseamento de recorrências e de particularidades enunciativas (convergências e divergências entre as narrativas), no que tange ao olhar lançado para o comportamento sujeitudo (personagens e/ou narradores) e para determinadas conjunturas sentidurais relacionadas às memórias e aos episódios de morte. Posteriormente, das matrizes-síntese, emergiram análises sobre as discursividades que constituíram predominância nos contos analisados, ao revelarem “as inscrições das instância-sujeito em posicionamentos ideologicamente marcados, responsáveis pelos efeitos de sentidos que emergem dos contos” (FRANÇA, 2017, p. 145).

Empreendemos uma instância de macro-análise semelhante em França (2009), na qual analisamos sentidos subjacentes ao signo *dízimo* em artigos da extinta seção *Ó Deus, não se esqueça que eu sou um dizimista fiel* do jornal Folha Universal. Da mesma forma, partimos da explicitação das condições de produção relacionadas aos depoimentos dos fiéis da igreja, buscando uma descrição das características históricas da Igreja Universal do Reino de Deus, do ce-

nário social instaurado pelos artigos do tabloide, bem como das situações enunciativas que emergiram como discursividades regulares no interior do *corpus* organizado. Também organizamos nove matrizes que mapearam os recortes da materialidade linguística e discursiva dos depoimentos dos sujeitos-fiéis, identificando regularidades e comportamentos convergentes entre os dizeres dos treze dizimistas analisados enquanto sujeitos do dizer. Assim como em França (2017), foram as matrizes que permitiram a instauração de procedimentos para a análise das particularidades e dos efeitos de sentidos que ditaram a conjuntura enunciativa em estudo, ou seja, o signo ideológico *dízimo*, atravessado pelo discurso econômico-capitalista, como um acontecimento constitutivo dos dizeres dos fiéis analisados.

Entendemos que a utilização da ferramenta matricial proposta por Santos (2004) contribui para que o analista identifique comportamentos sujeitudo e/ou conjunturas sentidurais singulares. Logo, a matriz funciona como uma produtiva ferramenta de análise no âmbito da macro-análise, uma vez que auxilia o analista no recorte, na disposição e na organização das regularidades

que se configuram na materialidade discursiva em análise. Essa etapa permite que o pesquisador reconheça a configuração das formações discursivas e, por conseguinte, das formações ideológicas que predominam no *corpus*, no caso dos nossos estudos, no âmbito dos contos de Carrascoza ou nos depoimentos dos fiéis da Igreja Universal.

Cabe mencionar também a concepção de gênero enquanto *comportamento discursivo* construída por Santos (2003), estudo no qual o autor reforça que parece haver uma recorrência retórica nos gêneros, resultante de ações sociais que possuem uma identidade, uma cultura e que, por isso, podem atuar como uma “força interceptiva ou mediadora das relações entre o indivíduo e a própria sociedade” (SANTOS, 2003, p. 201). Logo, reforçamos como é significativo para o desenvolvimento da análise que o analista parta do princípio de que seu objeto de estudo emana um comportamento discursivo capaz de mediar e influenciar a relação do sujeito com o mundo. É uma importante premissa para se considerar as condições de produção do *corpus*.

Santos nomeou a próxima etapa analítica de micro-instância, a qual, após a organização das condições de produção e do mapeamento distintivo das regularidades, passa a investigar os processos de significação dos sentidos, a partir da materialidade que emerge no interior da discursividade em análise.

## **A micro-instância de análise discursiva**

Nessa etapa, o analista passa a observar as sequências discursivas organizadas, identificando as interrelações existentes e interpretando a natureza dos sentidos dessa disposição. Santos (2004, p. 114-115) nos diz que:

O analista começa a identificar as variáveis – elemento aglutinador designativo dos traços caracterizadores dos agrupamentos de sequências. Essas variáveis, por exemplo, podem contemplar um enfoque teórico (intertextos, interdiscursos, formações discursivas, formações ideológicas, heterogeneidades, polifonia, entre outros) ou mesmo um enfoque metadiscursivo (vozes, sentidos e enunciados).

Falemos um pouco sobre os desdobramentos desses enfoques. No enfoque teórico, o analista tem a oportunidade de buscar respaldo e dialogar com a fundamentação epistemológica dos estudos do discurso, por meio da investigação analítica da natureza das ocorrências enunciativas “no escopo das chamadas variáveis conceituais” (SANTOS, 2004, p. 115), ou seja, do reconhecimento da rede conceitual da AD funcionando no objeto em estudo. Logo, a partir dos diagnósticos e análises empreendidas na esfera macro, o pesquisador pode lançar um olhar para o seu objeto, tomando os conceitos, as noções e/ou as categorias da AD como variáveis a serem identificadas. Por exemplo, o pesquisador pode optar por investigar os atravessamentos ideológicos de uma forma-sujeito ou reconhecer a amplitude interdiscursiva de formações discursivas (FD) que compõem um dado processo discursivo.

Em França (2009), optamos por examinar a natureza do atravessamento entre a ideologia religiosa e a econômico-capitalista, tomando como variável conceitual as formações discursivas e, por conseguinte, as formações ideológicas (PÊCHEUX, 1997). Santos (2004) afirma que é como se o analista, ao identificar as regularidades no *corpus*, já estabelecesse uma relação de familiaridade sentidural entre a teoria e a discursividade em análise. Assim, ao retomarmos o exemplo de França (2009), significa que nossa inscrição no escopo teórico da AD de

Pêcheux permitiram o refinamento analítico dos depoimentos da Folha Universal, o que fez emergir a formação discursiva como um enfoque teórico essencial para se cumprir os objetivos elencados na pesquisa. Santos (2004) ainda reforça que é essencial reconhecer que o pesquisador estabelece uma intersecção entre o texto teórico e o objeto em análise, o que representa explicitar as relações intrínsecas entre a teoria e o lugar que ela passa a ocupar como uma lente analítica no estudo instaurado.

Assim, a partir das formações ideológicas identificadas nos depoimentos dos fiéis da Igreja Universal, analisamos como as FDs produziram sentidos relacionados ao signo dízimo, associando sua vinculação e seu pagamento mensal a um investimento com retorno financeiro. Também lançamos um olhar teórico para os sujeitos que emergiram no acontecimento desse processo discursivo e compreendemos que “a forma-sujeito dizimista-fiel tem em sua gênese um embate ideológico que é caracterizado pela alteridade descontínua entre o discurso religioso e o econômico-capitalista” (FRANÇA, 2009, p. 108).

Já em França (2017), nosso enfoque teórico foi para o conceito de memória discursiva (PÊCHEUX, 2010), tomando-a como um lugar de significação sempre-já instaurado pelo mundo eticamente construído pelas personagens de Carrascoza. Ao entendermos a memória discursiva como um efeito de cristalização/denegação de um *interdiscurso enquanto pré-construído* (PÊCHEUX, 1997), reconhecemo-la no batimento de “um interdiscurso (transverso ou pré-construído), uma vez que as instâncias-sujeito personagens constroem seus dizeres e são interpeladas por processos de memória que autorizam sentidos no interior do acontecimento da obra (FRANÇA,

2017, p. 92). Assim, ao mobilizarmos a memória discursiva como enfoque teórico na micro-instância de análise, conseguimos analisar os episódios de morte presentes nos contos de Carrascoza sob a ótica da interpelação dos processos de memória, ou seja, fazendo emergir as interrelações entre a teoria e o lugar que ela passa a ocupar na discursividade em análise.

Em relação ao enfoque metadiscursivo, Santos remonta Zoppi-Fontana (1997, p. 118) para afirmar que essa postura se estabelece na demarcação de “diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação [e que mobilizam processos de] interpretação para os níveis de significação dos enunciados, considerando o propósito sentidural” (SANTOS, 2004, p. 116). Assim, após o analista se situar em um dado lugar discursivo, essa abordagem permite que sua investigação seja capaz de identificar vozes e sentidos que ecoam do objeto em análise. Para tanto, o pesquisador precisa balizar sua tomada de posição no interior do *corpus* em estudo, a partir das seguintes posturas: I - a necessidade de definição clara de recorte do processo discursivo em estudo; II - a importância de se referenciar em uma perspectiva outra de olhar para o objeto em análise; III - a relevância de um posicionamento teórico que sustente a abordagem analítica.

Santos (2004) reforça que essas condutas ético-analíticas que compõem a abordagem metadiscursiva devem ser constitutivas tanto no âmbito de uma pesquisa com foco na instância sujeitodal, quanto na sentidural, de modo que pesquisador se posicione de forma responsiva frente ao seu objeto (o escopo, o recorte, as fronteiras), sendo capaz de identificar e analisar, por exemplo, vozes em batimento, identidades instauradas e efeitos de sentidos que se configuram

como comportamentos convergentes no interior do *corpus*, mas também em diálogo interdiscursivos com outras enunciações e acontecimentos externos a ele.

Exemplifiquemos a abordagem metadiscursiva retomando França (2017), no qual, após o delineamento das fronteiras da pesquisa e do recorte que empreenderíamos para analisar os contos carrascozeanos, lançamos um olhar para a morte na literatura, de modo a observarmos os efeitos de sentido que esse processo instaurou nas onze narrativas analisadas. Com foco nos aspectos de interdiscursividade entre os contos, identificamos que os sentidos sobre a morte funcionam como um fio condutor que atravessa todo o acontecimento da obra. Isso permitiu que identificássemos um comportamento enunciativo convergente entre os protagonistas dos onze contos, a partir das vozes sobre a morte que emergiram como uma memória convergente no todo da obra.

Ao trilharmos os caminhos sugeridos por Santos (2004), entendemos ser possível lançar um olhar menos caótico para o objeto analisado. Não se trata de uma fórmula para se estabilizar com exatidão os sentidos de um dado discurso, mas sim de procedimentos didáticos que delineiam posturas teórico-metodológicas para o desenvolvimento responsável e ético de uma análise discursiva. Nas palavras de Pêcheux, entendemos que os caminhos apresentados por Santos (2004) podem auxiliar nas “descrições regulares de montagens discursivas, [em que] se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação” (PÊCHEUX, 2006, p. 57). Parafraseando os últimos dizeres de *O discurso: estrutura ou acontecimento*, trata-se, nesse sentido, de uma reflexão necessária, de “uma questão de ética e po-

lítica: uma questão de responsabilidade”. É nessa seara responsiva que inscrevemos o pensamento de Santos (2004).

## Considerações finais

Além de examinar aspectos essenciais à análise dos funcionamentos discursivos, por meio das interrelações entre os sujeitos e os sentidos, Santos (2004) propôs importantes reflexões sobre as possibilidades de o analista se instalar em um dado lugar discursivo e, a partir dessa inscrição, refinar seu olhar analítico para os acontecimentos. Ao abordar inicialmente a noção de ordem, o autor apresentou uma distinção entre a ordem subjetiva e a ordem sentidural, possibilidades de lugares discursivos a serem ocupados pelo pesquisador.

Posteriormente, o autor estabeleceu um percurso de incursão ao objeto de análise, evidenciando a natureza interpretativa de suas regularidades, a partir do exame dos funcionamentos de uma discursividade em uma macro e em uma micro-instância de análise. Na macro-instância, o analista deve explicitar as condições de produção da manifestação discursiva em análise, por exemplo, por meio da ferramenta matricial, a partir da qual podem surgir os primeiros gestos de interpretação da materialidade discursiva em análise, considerando as condições sócio-histórico-ideológicas que instauram sujeitos e tomadas de posição.

Para exemplificar a macro-análise e o mapeamento matricial, retomamos França (2017; 2009), em que analisamos, respectivamente, a memória da morte em contos de João Carrascoza e os sentidos do signo *dízimo* na Folha Universal. Demonstramos que o levantamento das recorrências discursivas, por meio da utilização das matrizes, permite que o analista organize, inclusive visualmente, suas primeiras impressões

analíticas acerca do objeto em análise e das regularidades que emergem dele.

A micro-instância de análise é o momento em que o analista observa as sequências discursivas organizadas na matriz, de modo a identificar suas interrelações e interpretar os sentidos que emergem dessa disposição. Essa etapa da análise pode se dar por meio de um enfoque metadiscursivo e um enfoque teórico. Neste último, o pesquisador promove o batimento entre a fundamentação teórica do discurso e seu objeto de pesquisa. É nesse momento que o analista deve selecionar noções e/ou conceitos que vão gerenciar teoricamente seu olhar analítico.

Novamente recorreremos aos nossos estudos para demonstrar que, em França (2009), elegemos a FD como enfoque teórico, tomada como um *arquiconceito* que gerenciou as análises e estabeleceu, a partir da rede conceitual da AD, o papel que cada outro conceito teve na construção da pesquisa. Em França (2017), foi o conceito de memória discursiva que emergiu como necessário à construção de nossos gestos analíticos. Vale lembrar que a escolha por um ou mais conceitos deve estar sempre relacionada ao recorte estabelecido pelo pesquisador em sua proposta de estudo, por meio dos objetivos, hipótese e/ou questões de pesquisa.

O enfoque metadiscursivo está relacionado a uma demarcação de escopo, de recorte e dos elementos históricos, sociais e linguísticos que constituem a enunciação em estudo. Isso se dá pela construção de análises de diferentes níveis de significação dos enunciados, a partir do enfoque sentidural da proposta de pesquisa. Também demonstramos como estabelecemos um enfoque metadiscursivo ao analisar os contos de Carrascoza, por meio de um olhar intertextual para as vozes e as memórias sobre a morte nas narrativas do autor.

Por fim, ao considerarmos um contexto de um constante ataque à ciência e ao fazer acadêmico, principalmente sobre os saberes produzidos no interior das Humanidades, faz-se bastante necessário que incitemos posturas analíticas que fortaleçam, de forma ética e responsável, os estudos em AD no Brasil, independentemente se empreendidos por pesquisadores de renome ou por graduandos em iniciação científica.

Ao retomarmos a epígrafe do texto, dialogamos com Villarta-Neder (2019) e enxergamos que as reflexões aqui empreendidas podem instaurar importantes reflexões sobre a responsabilidade mútua de nossas pesquisas frente ao mundo e ao outro. Mais do que a propositura de responsáveis caminhos para uma análise discursiva, os procedimentos elencados por Santos emanam uma postura ética frente à formação do pesquisador nos cursos de Letras e nas Pós-Graduações.

Entretanto, se reconhecermos que muitos dos egressos dos cursos de Letras não trilham os caminhos privilegiados dos mestrados e doutorados, é possível afirmar que a maioria terá, essencialmente, a graduação como lugar de exercício de um fazer científico elaborado, por meio de uma pesquisa tradicional (monografia, artigo, iniciação científica). Sabendo que a maioria dos professores de linguagens das escolas públicas não faz mestrado e doutorado, a postura ética para uma interpretação dos dados analisáveis (textos) proposta pelos estudos discursivos de Santos (2004) deve ser entendida para além das reflexões sobre o fazer do analista do discurso.

Por fim, refinar o olhar para os sentidos e seus efeitos na sociedade, compreender as condições de produção que alicerçam um dizer enquanto um discurso, bem como estabelecer foco e recortes para a interpre-

tação de um texto representam competências constitutivas para qualquer professor das áreas de linguagem (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Literatura e Redação). Distinguir nos gêneros do discurso que emergem dos/nos currículos, livros didáticos e textos literários, por exemplo, FDs e ideológicas que constituem o dizer de uma época e de um grupo podem representar competências significativas para a construção de leitores de mundo na escola.

## Referências

- CARRASCOZA, João Anzanello Carrascoza. **Espinhos e alfinetes**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FIGUEIRA, Luís Fernando Bulhões. A teoria da análise do discurso é uma língua de madeira? In: SANTOS, João Bôsko Cabral dos (Org.). **Sujeito e subjetividade**: discursividades contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 59-72.
- FRANÇA, Thyago Madeira. **A discursividade literária em João Anzanello Carrascoza - por uma episteme do ensino de literatura**. 2017. 228f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- FRANÇA, Thyago. Madeira. **Sentidos do signo dízimo no jornal Folha Universal**. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcineli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes 2013.
- PÊCHEUX, Michel. Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010. p.49-57.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso - Uma Crítica à Afirmação do Obvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- SANTOS, João Bôsko Cabral dos. Entremeios da Análise do Discurso com a Linguística Aplicada. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsko Cabral (Orgs). **Percursos de Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007. p.187-206.
- SANTOS, João Bôsko Cabral dos. Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsko Cabral dos (Org.). **Análise do discurso**: unidade e dispersão. Uberlândia: Entremeios, 2004. p. 109- 118.
- SANTOS, João Bôsko Cabral dos. Vozes e sentidos no gênero. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (orgs.), **Análise do Discurso em Perspectivas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFMG, 2003, p. 73-81.
- SANTOS, João Bôsko Cabral dos. **Por uma teoria do Discurso Universitário Institucional**. 236f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - FALE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- VILLARTA-NEDER, Marco Antonio. Atos responsáveis e intersubjetividade: uma trajetória acadêmica de fazer junto. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p. 27-40, 2019.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas. Editora da Unicamp, 1997. p. 115-127.

*Recebido em: 12/04/2023*  
*Aprovado em: 13/06/2023*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.